

“DEIXA-ME CANTAR” OU “DEIXA EU CANTAR”: A APARIÇÃO DOS PRONOMES SUJEITO-OBJETO NA MÚSICA BRASILEIRA

“DEIXA-ME CANTAR” OR “DEIXA EU CANTAR”: THE APPEARANCE OF SUBJECT-OBJECT PRONOUNS IN BRAZILIAN MUSIC

Breno Silva Andrade

<https://orcid.org/0000-0003-2664-339X>
Universidade Federal de Campina Grande
brenosilvaandrade@hotmail.com

Denise Lino de Araújo

<https://orcid.org/0000-0002-5426-340X>
Universidade Federal de Campina Grande
denise.lino@professor.ufcg.edu.br

Resumo: O uso da língua escrita ou falada é uma atividade constitutiva da rotina de brasileiros, em especial aqueles que expressam as variedades linguísticas da fala que divergem da prescrição gramatical. Este estudo tem como objetivo analisar a aparição dos pronomes sujeito-objeto na música brasileira, em um *corpus* composto por cinco músicas. A partir de pesquisa bibliográfica e situada no campo da Sociolinguística e Linguística Aplicada, este estudo tem como subsídios teóricos pesquisas sobre variedades linguísticas (Bagno, 2004), variação e mudança linguística (Labov, 2008) e gramática descritiva (Bechara, 2019; Rocha Lima, 2011). A pesquisa demonstra que, apesar de serem considerados erros pela gramática normativa, esses usos são comuns e recorrentes na fala cotidiana, inclusive entre os falantes mais escolarizados. Conclui-se que a presença dos pronomes sujeito-objeto na música reflete a prática linguística real dos falantes brasileiros, desafiando as normas gramaticais tradicionais e demonstrando a vitalidade e a pertinência dessas formas no português contemporâneo.

Palavras-chave: Variação linguística. Pronomes sujeito-objeto. Português falado. Música brasileira. Gramática tradicional.

Abstract: The use of written or spoken language is an activity that constitutes the daily life of Brazilians, especially those who express linguistic varieties of speech that diverge from grammatical prescription. This study aims to analyze the appearance of subject-object pronouns in Brazilian music, with a corpus composed of five songs. Based on bibliographic research and situated in the field of Sociolinguistics and Applied Linguistics, this study has as theoretical subsidies research on linguistic varieties (Bagno, 2004), linguistic variation and change (Labov, 2008) and descriptive grammar (Bechara, 2019; Rocha Lima, 2011). The research shows that, despite being considered errors by normative grammar, these uses are common and recurrent in everyday speech, even among the most educated speakers. It is concluded that the presence of subject-object pronouns in music reflects the real linguistic practice of Brazilian speakers, challenging traditional grammatical norms and demonstrating the vitality and relevance of these forms in contemporary Portuguese.

Keywords: Linguistic variation. Subject-object pronouns. Spoken Portuguese. Brazilian music. Traditional grammar

Introdução

No cotidiano, o uso da língua escrita ou falada é um fato comum na vida dos brasileiros que fazem o uso de formas linguísticas diversas em sua comunicação, muitas vezes sem a consciência de que usufruem dessa heterogeneidade dialetal naturalmente e com efetivo êxito na comunicação (Cerqueira e Lima, 2010).

Essa característica da linguagem se alinha à concepção de Labov (2008, p. 215), que a define como uma "forma de comportamento social". Bagno (2007) reforça essa ideia ao destacar a natureza diversa, heterogênea e multifacetada da língua em sociedade, especialmente no português falado, que se afasta dos rígidos padrões da gramática tradicional, refletindo um uso mais espontâneo e autêntico da língua.

Nesse sentido, percebe-se uma realidade linguística bipolarizada entre as variedades populares e as variedades cultas no português no Brasil. Conforme Lucchesi (2001) tal fato não é um fenômeno restrito à modernidade, pois, considerando um panorama histórico presente durante o momento em que o Brasil era colônia de Portugal, observa-se um comportamento linguístico conservador por parte da elite colonial que buscava seguir os padrões linguísticos da metrópole portuguesa. Por outro lado, no que tange às camadas populares, profundas transformações linguísticas eram desenvolvidas mediante o intenso contato com línguas indígenas e africanas.

Ainda segundo Lucchesi (2001), tal cenário de transformação linguística se caracteriza como um processo de construção sócio-histórica inerente aos diferentes aspectos da formação do Brasil. Nesse viés, a título de exemplificação, com enfoque nos séculos XIX e XX, também se constata uma profunda modificação no panorama demográfico e socioeconômico brasileiro motivado pela industrialização emergente, acelerada e desorganizada que acarretou diversos movimentos de migração pendular entre populares para os grandes centros urbanos da época em busca de trabalho e melhores condições de vida. Logo, um afrouxamento do padrão linguístico entre as camadas médias e altas também pode ser constatado em virtude da interação com as camadas da sociedade em maior vulnerabilidade econômica. Consequentemente no decurso do século XXI, um nivelamento entre as camadas populares rurais e urbanas foi observado com o desaparecimento de marcas linguísticas radicais que surgiram durante o contato entre diferentes línguas na colonização do país (Lucchesi, 2001).

Consonante com Lucchesi (2001), a constituição sócio-histórica do português brasileiro pressupõe, nos últimos séculos, uma interação mútua entre as variedades popular e culta. Além disso, os autores acima referidos ainda destacam uma aproximação convergente entre as variedades mencionadas para o que chamam de "ponto impróprio", uma nomenclatura tomada como empréstimo da geometria que define uma analogia que destaca a mudança em direção convergente da variedade popular e culta após terem se mantido paralelas por séculos, mas que não representa uma tendência de fusão entre elas.

Segundo Bagno (2013), no âmbito da educação, o reconhecimento da variação linguística e sua íntima relação com a diversidade social têm provocado mudanças radicais nas concepções de língua e no ensino de língua, tanto nas diretrizes oficiais quanto na prática pedagógica em sala de aula. Essa realidade reflete uma tentativa, que ainda enfrenta obstáculos, de apresentar aos estudantes uma visão de língua que seja

aplicável e relevante em suas vidas como falantes nativos, mas que é frequentemente estigmatizada e marginalizada como parte do que os *puristas da língua* rotulam de "informalidade". Ademais, acresce-se que esse rótulo é preconceituoso, pois não reflete adequadamente a realidade dos usos linguísticos falados e escritos, especialmente entre os membros mais instruídos da comunidade de falantes.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o aparecimento do sujeito-objeto em contextos habituais de uso da língua portuguesa no Brasil que se identificam a partir das letras das músicas nacionais em diversos gêneros musicais. Tal movimento, cujas bases se identificam na busca por exemplos cotidianos da fala comum nos mais diversos grupos sociais, ocorre mediante a popularização de músicas como um fator comum entre os falantes do português brasileiro seja de diferentes faixas etárias, seja de diferentes níveis econômico-sociais. Logo, a partir desse ponto em comum, buscar-se-á a presença do sujeito-objeto como uma evidência do processo de convergência entre a norma culta e a norma popular na realidade linguística brasileira.

O presente artigo está organizado em cinco partes. Primeiramente, é estabelecida uma introdução acerca da temática do português brasileiro e sua realidade linguística bipolarizada a partir dos eixos das variedades culta e popular, bem como os objetivos deste estudo. Seguidamente, é apresentada uma fundamentação teórica que estabelece um parâmetro contextual acerca da língua portuguesa e sua formação, sendo composta por subseções que abordam o pronome-sujeito objeto e o sujeito acusativo na gramática tradicional. Na terceira parte, estabelecemos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e coleta de dados. Na quarta parte apresentamos a discussão e análise de dados, sendo seguida da quinta e última parte que contempla as conclusões estabelecidas a partir desta pesquisa.

1 Fundamentação teórica

A língua portuguesa, como toda língua em formação, passou por um processo complexo e multifacetado. Sua evolução começou ainda na Europa, quando o latim se diferenciou devido ao contato com diversos povos e línguas na Península Ibérica, especialmente após a imigração romana durante a Segunda Guerra Púnica, em 218 a.C. Posteriormente, o latim falado na península sofreu influências de línguas germânicas entre 409 e 711 d.C., além do árabe durante a invasão muçulmana (Faraco, 2019).

Conforme Faraco (2019), a língua portuguesa, por sua vez, é formada após o processo de reconquista da Península Ibérica pelos Cristãos cujas relações entre povos e outras línguas já haviam provocado nossas influências no idioma. Nesse sentido, formase, primeiramente, o galego-português para em seguida ser formado o português tido como idioma de Portugal nos anos seguintes e que, sofrendo inúmeras mudanças durante a idade média, é ainda levado ao Brasil e outros continentes por meio das grandes navegações do século XV e XVI.

No Brasil, o português encontrou as línguas indígenas, principalmente o tupi, falado pela maioria da população (Orlandi, 2005). No entanto, com o avanço da colonização, Portugal consolidou o português como língua oficial, enquanto as línguas indígenas foram reclassificadas como "línguas gerais" ou "língua franca", utilizadas nas interações entre diferentes tribos. Além disso, os primeiros anos da colonização foram marcados pela tentativa de ocupação de outros países europeus, como a Holanda, que buscava influenciar o litoral brasileiro e estabelecer zonas comerciais (Guimarães, 2005a).

Durante esse processo já marcado por diferentes línguas em um contato intenso,

a colonização brasileira ainda é reconhecida pelo seu papel no tráfico numeroso de escravos africanos para o trabalho nos grandes engenhos de açúcar. A título de exemplificação, estima-se que cerca de 600 mil a 1,3 milhão de africanos escravizados podem ter sido trazidos para o Brasil. Tal contingente, ademais, não se restringia a apenas uma região do continente africano, mas a diferentes regiões que eram ponto de comércio de seres humanos nessa condição (Castro, 2022).

Ademais, a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, trouxe mudanças significativas para a língua falada na colônia. O aumento imediato da população, com a chegada de mais de 15 mil membros da corte no Rio de Janeiro, e o investimento em instituições como a Biblioteca Nacional e a imprensa aumentaram a circulação de livros e o uso do português escrito (Guimarães, 2005b).

Posteriormente, com a chegada de imigrantes falantes de alemão, italiano, japonês, entre outros, durante o final do século XIX e início do XX, o português no Brasil se diversificou ainda mais. Embora o português seja a língua oficial do Brasil, dotada de importância em documentos oficiais e no sistema educacional, a língua materna dos brasileiros reflete a riqueza de suas raízes culturais, tanto indígenas quanto imigrantes. Além disso, o português brasileiro se distingue do português europeu, especialmente pelo sistema de vogais – o Brasil tem 7 vogais, enquanto Portugal tem 8 – e pelo uso dos pronomes átonos, que no Brasil tendem a uma posição mais proclítica (Bagno, 2018).

1.1 Pronomes sujeito-objeto: o que são e como se usam?

Segundo Bagno (2004), os pronomes sujeito-objeto são o que a gramática tradicional (doravante GT) aponta como “sujeito acusativo”. Ou seja, uma herança da terminologia oriunda do latim e que ainda se faz presente nas GTs como um mecanismo de referência aos casos em que uma palavra exerce a função de objeto direto.

É válido ressaltar que essa condição advém, segundo o autor referido, dos chamados “casos” na gramática latina em que as funções exercidas por cada palavra correspondiam aos casos: nominativo, acusativo e dativo. A título de exemplificação, observemos no quadro abaixo a correspondência entre os “casos” da GT latina e a GT do português brasileiro:

Quadro 1 – Correspondência dos “casos” na GT latina e o PTBR

PTBR	Caso na GT latina
SUJEITO	NOMINATIVO
OBJETO DIRETO (doravante OD)	ACUSATIVO
OBJETO INDIRETO (doravante OI)	DATIVO

Fonte: Quadro criado pelo autor (2024).

Nesse sentido, observamos que o “sujeito acusativo” é o termo em função de “sujeito” que assume a posição de “objeto direto”. Observemos o seguinte exemplo:

Ex.: Deixa-*me* falar a minha opinião.

Nota-se que o pronome oblíquo átono “me” assume a posição de objeto direto (caso acusativo) do verbo conjugado “deixa” enquanto, concomitantemente, é também o

sujeito (caso nominativo) do verbo no infinitivo “falar”. Tal condição de dupla habilitação para o pronome oblíquo é o que a GT caracteriza como sujeito acusativo. Ressalta-se que essa realização ainda se estende não apenas aos verbos no infinitivo, mas também aqueles conjugados no gerúndio, como no exemplo:

Ex.: Peguei ele *traindo* ela de novo.

No caso acima, além da presença do sujeito acusativo na presença do segundo verbo conjugado no gerúndio, ainda se ressalta o emprego do pronome reto (ela) na posição de objeto direto que é comum e realizável no português falado, mas ainda estereotipado e marginalizado na GT como um erro.

Desse modo, podemos representar a atuação do sujeito acusativo no seguinte esquema:

Quadro 2 – Esquema da atuação do sujeito acusativo

Deixa-me falar a minha opinião

Deixa	← me →	falar
Verbo Transitivo Direto	Pronome Pessoal Oblíquo Átono	Verbo Transitivo Direto
Objeto Direto		Sujeito

Fonte: Quadro criado pelo autor (2024).

No esquema acima, observa-se que o pronome oblíquo átono “me” assume duas funções de projeção de sentido. Primeiramente, o pronome se projeta para trás, em uma referência com o verbo anterior a ele, para assumir a posição de OD do verbo “deixar”. Em segundo ponto, o pronome se projeta para frente, em uma função posterior, relacionando-se com o verbo “falar” na posição de sujeito.

Tal realização do sujeito acusativo ainda se apresenta dentro dos compêndios gramaticais em uma assertiva apresentação vista como coerente e “correta”. Por outro lado, quando nos referirmos à mesma situação sob a utilização de um pronome reto, o fato antes tido como certo, é tachado como fora das normas gramaticais — apesar de ser fatidicamente presente no português falado dos membros mais letrados da sociedade.

Quadro 3 – Objeto Direto Nominativo, Bagno (2004)

Deixa eu falar a minha opinião.		
Deixa	← eu →	falar
Verbo Transitivo Direto	Pronome Pessoal Reto	Verbo Transitivo Direto
Objeto Direto		Sujeito

Fonte: Quadro criado pelo autor (2024).

No quadro 3, temos a mesma situação anterior, mas com ressalvas quanto ao tipo de pronome usado. Anteriormente, tínhamos um pronome oblíquo átono cujo uso, pela GT, é de complemento ou de adjunto. Entretanto, quando usufruímos do pronome reto

que é apontado como tendo única função sintática de sujeito, pela GT, incorremos no que os *puristas da língua* apontam como “erro gramatical”.

Dessa maneira, Bagno (2004) revela que é incoerente a designação do sujeito acusativo para os casos em que um pronome reto está empregado na função de OD. Para tanto, o linguista apresenta uma segunda opção de terminologia para exaurir as confusões terminológicas: pronome sujeito-objeto (doravante PSO).

Essa terminologia torna-se fundamental, especialmente considerando que o português falado no cotidiano é tão dinâmico e representativo que muitas expressões acabam sofrendo contrações naturais. A título de exemplificação, temos a colocação do verbo conjugado no presente do indicativo “deixa” com o pronome reto de primeira pessoa do singular “eu” que tende a se reduzir, sob o princípio da economia linguística, à expressão “xô”, como nos casos:

- Deixa eu ir, mãe [ʃojrmẽj]
- Deixa eu ver [ʃove]
- Deixa eu jogar [ʃo ʒogaʁ]

Como observado acima, a posição tida pelo pronome pessoal reto assume um caráter bifuncional na estrutura sintática empregada. Tal fato decorre da sua mútua posição de sujeito sobre o verbo posterior (“ir”; “ver”; “jogar”) e de objeto direto para o verbo anterior (“deixa”).

1.2 O sujeito acusativo na gramática tradicional (GT)

O aparecimento dos casos em que o pronome oblíquo átono assume a posição de sujeito são tidos na GT como funções sintáticas inerentes a esse tipo de pronome, cuja atuação se restringe ao que Bechara (2019) chama de “complementos”, observemos o seguinte trecho:

A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito ou complemento predicativo, enquanto o oblíquo como os demais complementos:

Eu saio.

Eu não sou ele.

Eu o vi.

Não lhe respondemos.

(Bechara, 2019, p. 245)

Ou seja, de acordo com o trecho supracitado, segundo o referido gramático, tem-se não recomendada e factível a associação como “erro” no emprego de qualquer oblíquo na posição de sujeito.

Já em Lima (2011), na seção “sujeito de infinitivo”, o emprego das terminologias “acusativo”, “dativo” e “nominativo” aparecem com destaque e referenciados como heranças latinas na língua. Para o gramático, mantêm-se a indicação da posição do sujeito sendo empregada apenas pelos pronomes retos:

São erros comuns dar forma oblíqua ao pronome sujeito de verbo no infinitivo e dar forma reta aos pronomes mim e ti depois de preposição:

... para mim fazer... (em vez de: para eu fazer)

Tudo ficou resolvido entre mim e ti — devemos dizer.

(Lima, 2011, p. 390)

Adicionalmente, acresce-se a afirmação tida por Lima (2011, p. 390), em nota de rodapé, que aponta que o uso do pronome oblíquo na posição de sujeito configura “Fatos da linguagem coloquial menos cuidada, as construções do tipo ‘para mim fazer’ e ‘entre eu e tu’ não se fixaram, contudo, na língua culta.”

2. METODOLOGIA

Este artigo classifica-se enquanto uma pesquisa descritivo-explicativa, documental e qualitativa. O caráter qualitativo da pesquisa justifica-se pela possibilidade de compreensão e interpretação do fenômeno estudado (Menezes, 2019) ao longo da análise dos dados coletados, com base em um corpus composto por músicas brasileiras em que o uso do pronome sujeito-objeto é observado. Conforme Prodanov (2013), a abordagem qualitativa é essencial para considerar a relação dinâmica entre o mundo real e seus sujeitos, cuja subjetividade não pode ser plenamente capturada por meio de números. Esse fato reforça que a análise desta pesquisa se baseia no paradigma descritivo-interpretativista, pois a descrição é uma atividade central na pesquisa qualitativa, a qual pressupõe uma interpretação indutiva dos dados coletados.

O *corpus* de textos selecionados contempla uma seleção de seis músicas brasileiras e com gêneros musicais diversos que indiciam a presença do pronome sujeito-objeto a partir da construção sintático-semântica do verbo “deixar” conjugado em sua forma infinitiva com a presença de um pronome pessoal reto que assume função tanto de objeto como de sujeito dos verbos que o circundam.

3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

3.1 Seleção de um *corpus* "musical": a aparição dos pronomes sujeito-objeto na música brasileira

Mediante as considerações teóricas apresentadas, um *corpus* de letras de músicas foi escolhido tomando como ponto em comum a presença do verbo “deixar” conjugado em sua forma infinitiva. O *corpus* descrito é composto pelas seguintes músicas:

Quadro 4: Seleção de *corpus*

Música	Cantor(a)
Deixa eu viver	Mari Fernandez e Luisa Sonza
Deixa Eu Ver	Banda Francisco
Deixa	Maria Marçal
Deixa eu Falar	Raimundos
Deixa Eu Dançar	Nego do Borel

Fonte: Quadro criado pelo autor (2024).

Com a seleção de músicas realizada, a presente pesquisa teve como intuito analisar a letra em cada uma das composições em busca de passagens em que a formação “pronomes sujeito-objeto” (doravante PSO) fosse identificada. Nesse sentido, faz-se o seguinte recorte de trechos das músicas selecionadas:

Quadro 5: PSO em trechos de música

DEIXA EU VIVER	Deixa Eu Ver	Deixa	Deixa eu Falar	Deixa Eu Dançar
Se eu morri pra você, deixa eu viver (6x)	Deixa Eu Ver (Apenas no título)	Deixa, deixa eu trabalhar do meu jeito (3x)	Deixa eu falar, filha da (5x)	Deixa eu dançar (25x)
Deixa eu viver (2x)		Deixa eu cuidar dos teus sonhos (4x)		
Eh eh, deixa eu viver, eh eh (2x)				

Fonte: Quadro criado pelo autor.

A presente seleção possui estruturas já citadas e identificáveis na formação do PSO. Nesse sentido, observa-se que todos os dados coletados têm a presença de um verbo conjugado no presente do indicativo acrescido de um verbo no infinitivo. Acreditamos que, por uma maior recorrência na fala não monitorada, a expressão iniciada com o verbo “deixar” deteve uma recorrência de 100% nos casos analisados. O segundo verbo da construção do PSO, alocado na forma de infinitivo, por outro lado, variou consideravelmente ao não apresentar nenhum caso de repetição entre as letras das canções analisadas, mas possui exemplos de intransitividade (I) transitividade direta (TD) e transitividade indireta (TI). Ressalta-se que, por mais factível que seja, bem como comum no português falado, casos com o segundo verbo do PSO flexionado no gerúndio não foram identificáveis, mas é se reconhece a sua existência, a exemplo de:

1. Vi eles comendo ontem.
2. Deixei ela chorando sozinha.

A título de exemplificação, observamos como o primeiro caso observado na música “Deixa eu viver” pode ser verificado no PSO de acordo com o esquema de projeção da posição pronominal em concordância com o verbo em posição anterior e com aquele na posição posterior.

Quadro 6: Primeiro caso de PSO

Deixa eu viver		
Deixa	← eu →	viver
Verbo Transitivo Direto	Pronome Pessoal Reto	Verbo Intransitivo
Objeto Direto		Sujeito

Fonte: Quadro criado pelo autor.

No esquema acima, é notável a posição do pronome reto em relação à projeção anterior de OD do verbo “deixar” e projeção posterior de sujeito do verbo “viver”. O mesmo caso, salvo a mudança dos verbos na segunda posição (a de verbos no infinitivo”, mantêm-se o raciocínio, observamos o quadro a seguir:

Quadro 7: Percepção das posições e relações de projeção anterior e posterior no *corpus* analisado.

VERBO TRANSITIVO DIRETO	PRONOME PESSOAL RETO	VERBOS I, TD E TI
Deixa	eu	ver
Deixa	eu	trabalhar
Deixa	eu	cuidar
Deixa	eu	falar
Deixa	eu	dançar

Fonte: Quadro criado pelo autor.

Como já mencionado, em decorrência dos exemplos apresentados, temos um verbo apenas para a posição de primeiro verbo do caso do PSO, sendo este a forma conjugada do verbo “deixar” no presente do indicativo. Além disso, também mantendo em todos os exemplos o mesmo pronome reto (eu), temos a única variação, entre os componentes do *corpus*, com a posição alocada ao verbo no infinitivo que varia tanto em diferentes verbos como em transitividade.

Considerações finais

Em conclusão, por meio da presente pesquisa, verifica-se a presença dos apontamentos de Bagno (2004) acerca dos pronomes sujeito-objeto como uma parte constitutiva do português brasileiro falado em músicas contemporâneas, fato que resulta da já comum presença dos PSO na fala não monitorada dos falantes, inclusive aqueles de maior escolaridade — os quais também compõem o público-alvo dessas canções.

Tal condição indicia um ponto de intersecção entre aquilo que é produzido e a massa popular majoritária entendida como seu público pela indústria da música. Ou seja, a verificação feita nas canções de considerável sucesso nacional que compõem este *corpus* reflete não apenas a estrutura fechada daquela composição, mas um produto feito para ser comercializado e, logo, adequado ao seu público.

Em outras palavras, tem-se nessas canções a verificabilidade de que o português

falado não só usufrui da construção linguística com o PSO, como também a percebe como recorrente em seu cotidiano, ao ponto de se distanciar da estereotipada noção de erro apontada pela GT. Fato este que põe em contradição a afirmação feita por Lima (2011) de que uso dos pronomes oblíquos em posição de sujeito foi tido como um fato da “linguagem coloquial menos cuidada” e que não estaria fixada na “língua culta”. Afinal, tomando como base os estudos de Bagno (2004), não só está fixado o PSO como é usado na variação “urbana culta”, pois a “língua padrão”, em sua condição de inverificabilidade na fala de grupos, não é, nos estudos sociolinguísticos, uma variação linguística do português brasileiro.

Tal perspectiva representa uma favorável condição aos estudos sociológicos da linguística brasileira ao dispor de uma realidade verificável de ampliação e complexidade das variedades popular e culta. Nesse sentido, como verificado a partir dos apontamentos na fundamentação teórica, a língua falada caminha para um direcionamento convergente entre suas variedades que, contudo, não representará a sua unificação, mas permite a inferência de suas interseções conforme as interações sociais. Portanto, esse estudo permite que tal condição a respeito da convergência entre as variedades no português brasileiro seja futuramente aprofundado sobre diferentes perspectivas que podem variar e expandir diferentes *corpus* de análise e não apenas músicas.

Referências

BAGNO, M. **Português ou brasileiro**: um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, M. Língua(s) e sociedade no Brasil contemporâneo. *In*: BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. cap. 3, p. 43-71.

BAGNO, M. Tradução: espelho da mudança? Mafalda responde. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n(57.1): 21-48, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138651780361441>.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Camões com dendê**: o português do Brasil e os falares afrobrasileiros. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022. 573 p

CERQUEIRA, V.; LIMA, M. L. Alguns aspectos da heterogeneidade dialetal brasileira: construções sintáticas a partir dos pronomes sujeito e objeto. **SOLETRAS**, N. 20, jul./dez.2010 - Suplemento. São Gonçalo: UERJ, 2010.

FARACO, C. A. **História do Português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

GUIMARÃES, E. Brasil: um país multilíngue. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 22-23, Abr/Jun 2005a. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200014.

GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 24-28, Abr/Jun 2005b. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos I**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MENEZES, A. H. N. *et al.* **Metodologia científica**: teoria e aplicação na educação a distância. Petrolina-PE, 2019.

ORLANDI, E. P. A língua brasileira. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 29-30, Abr/Jun 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200016.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.